

Conciliar família e trabalho, sem medo de errar

Reyes Calderón (Valladolid, Espanha, 1961), economista e escritora, tão depressa escreve, a partir de Oslo, uma crónica jornalística sobre os prémios Nobel, como participa numa videoconferência internacional sobre a transparência no mercado financeiro, dirige uma faculdade de Economia (Universidade de Navarra), exerce a função de mãe de nove filhos ou... escreve *bestsellers* nos tempos “livres”.

Apesar de ser uma pessoa multifacetada, ou precisamente por isso, sabe concentrar-se numa atividade como se o resto do mundo ficasse, entretanto, suspenso. Está à espera de um telefonema a pedir a sua opinião sobre o prémio de risco espanhol, mas responde a estas perguntas saboreando cada resposta.

- *O dia tem vinte e quatro horas e o relógio atual limitaas, gerando stress. As mulheres de hoje lutam para conciliar trabalho e vida familiar. Enquanto isso, cria nove filhos, é dirigente e obtém sucessos com livros policiais de centenas de páginas. Que algoritmo secreto descobriu?*

- Necessito desses três âmbitos para alcançar um objetivo fundamental: compreender-me a mim mesma. Por outro lado, parecem tarefas muito diferentes, mas a realidade é outra. Por exemplo, uma mãe tem uma faceta importante de executiva (organizar, enquadrar orçamentos, enfrentar dificuldades no crescimento da sua “empresa”...).

- *Embora otimize ao máximo o tempo, quando é que encontra o sossego necessário para escre-ver?*

- À noite. Durmo menos do que deveria: com cinco horas diárias posso chegar ao fim de semana e recuperar um pouco de sono.

- *Esta profissão de equilibrista necessitará, pelo menos, do apoio do seu marido...*

- Estamos casados há quase trinta anos e descobri que gostamos um do outro mais do que a princípio, essencialmente porque nos conhecemos melhor. A admiração e o respeito aumentaram. Por isso, o desenvolvimento pessoal pressupõe, de certa forma, um desenvolvimento conjunto. O tempo que

dedico a escrever não faz diminuir o amor, incrementa-o ao tornar-me melhor, portanto, mais capaz de amar.

- *Acontece, contudo, que o jantar não aparece por arte de magia na mesa...*

- Evidentemente. Em muitos casos são os meus filhos que se organizam para passar a roupa, ou preparar a comida, de modo a que eu consiga um espaço de concentração e possa avançar no romance que estiver a escrever.

- *Então, é profeta na sua terra...*

- Como em todas as famílias, há quem leia mais e quem leia menos. Mas tenho filhos que leem muito, que trocam livros comigo e que também leem os meus romances. Mesmo que, para mim, o leitor fundamental seja o meu marido: é o melhor crítico durante a fase de elaboração de um romance.

- *Os seus alunos também a leem?*

- Procuo não me inteirar sobre isso. Mas sei que alguns o fazem.

- *Em que medida o êxito editorial influiu no seu trabalho criativo?*

- No facto de poder entrar em contacto com as pessoas para quem escrevo. Essas pessoas são aquelas que realmente me interessam. Gosto imenso de me encontrar com elas, sobretudo com as que emprestaram o meu livro a outra pessoa: porque isso significa que gostaram tanto dele que foram a seguir partilhá-lo com outras.

- *O seu primeiro romance não foi fácil de publicar. Agora, Reyes Calderón é autora de uma editora de renome. Viu diminuída a sua liberdade pelos interesses comerciais?*

- Sinceramente, não. Evidentemente, para uma empresa editorial somos aquilo que vendemos. Mas o êxito não faz parte da criatividade. Há grandes génios que morreram sem ver a sua obra reconhecida. O Génesis diz que o próprio Deus, ao sétimo dia, julgou que a sua obra era boa. Um autor tem de ser capaz de formar o seu próprio juízo, à margem do que ditar o mercado.

- Como elabora um juízo sobre a sua obra?

- Quando escrevo um texto deixo-o repousar, para ter uma perspetiva. Depois verifico se os personagens transmitem humanidade (com os aspetos positivos e os negativos), se necessito de investigar, se aparece algum traço de mediocridade. Se existir alguma coisa que após umas dezasseis reformulações não funciona, segue para o lixo. Também procuro ter bons assessores e humildade para escutar as suas sugestões.

- No entanto, em algum momento o autor necessita de ter uma ligação com o público. E, de momento, o mercado editorial é uma ligação necessária.

Com efeito, a atividade criadora é um misto de uma ação íntima, do aparecimento na praça pública e da atividade lucrativa de uma empresa. Mas, nos últimos anos, o artista tem deparado com barreiras intransponíveis para chegar ao público.

- As novas tecnologias e as consequências da crise económica vão obrigar a reformular o modelo económico do mundo editorial. Que projeção antevê?

- Não me atrevo a fazer uma proposta concreta. Mas há realmente algo que é claro: uma das sequelas do capitalismo é que se separou o autor da sua obra; todavia, a Internet demonstra que não é possível fechar portas.

- Um dos seus personagens mais conhecidos, Lola MacHor, é juiz. Na sua página web, lê-se que esta mulher “enlouquece com as injustiças”. Fala por ela Reyes Calderón?

- Embora seja filha de advogado, nunca desejei ser juiz. Mas é verdade que todos temos dentro de nós um espírito de justiça. Apercebi-me de que, com o decorrer dos anos, as pessoas deixam de confiar no mundo e começam a confiar no ser humano. É aí que nasce Lola.

- Que traços herdou de si essa filha literária?

- O medo de não estragar, sempre e quando saibamos reconhecer o que está mal e aprendamos com isso. Quando escrevo, dou-me conta do peso que tem a verdade na vida. O género policial desmascara as mentiras piedosas, os fingimentos, as máscaras com que nos acostumamos a viver.

- Jeremy Oxford, especialista em literatura espanhola, disse que “Lola MacHor não é o típico personagem de romance negro. É, pelo contrário, representativa de uma pessoa de carne e osso, com os seus prós e os seus contras, a sua fé e as suas dúvidas, as suas competências e as suas fraquezas: uma mulher espanhola de fins do século XX, princípios do século XXI”. Isso está bastante de acordo com o seu bilhete de identidade...

- Cada vez que me meto na sua cabeça ou na de outros personagens, como um polícia ou um assassino em série, apercebo-me de que utilizamos muito pouca

percentagem da nossa mente. Indagando como atuam eles, descubro-me a mim própria.

- Como se passa de cantar uma canção de embalar, para a de se meter na cabeça de um assassino em série?

- Todos somos capazes de interpretar vários papéis, sempre e quando mantivermos o juízo. Somos filhos de um Deus criador e a capacidade criativa é genética. Alguns têm o dom de subir a uma montanha, outros de pintar uma tela. E ninguém escolhe os seus dons, podendo sim decidir desenvolvê-los ou não. Preciso de cultivar essas facetas para me compreender a mim mesma: só assim posso ser melhor mãe, melhor economista, melhor escritora.

T.G. de C.

Audácias sem risco

“Jogo como *pivot* na NBA, tenho 34 anos, sou negro e sou *gay*”, escreveu Jason Collins no último número da “Sports Illustrated”. E o *coming out* valeu-lhe mais aplausos do que se tivesse metido um cesto a partir do meio campo. As notícias apresentam-no como o primeiro desportista no ativo que se declara publicamente homossexual no desporto profissional dos EUA. Contudo, outros tinham-no feito também, antes de se reformarem, e o próprio Collins está a aproximar-se do final da sua carreira desportiva.

De qualquer forma, a sua declaração foi saudada como um grande gesto de coragem. A Casa Branca elogiou-o com palavras que antes ficavam reservadas para atos valorosos em campos de batalha. Obama telefonou a Collins “para lhe expressar o seu apoio e disse-lhe que estava impressionado com a sua valentia”. E Michelle escreveu na sua conta do Twitter que o anúncio de Collins “é um grande passo em frente para o nosso país”.

O mundo da NBA, descrito habitualmente como machista, envolveu Collins de modo caloroso. Jogadores, executivos e dirigentes acolheram-no com entusiasmo, para que Collins não possa falhar este cesto tão esperado. “A esmagadora reação positiva não me surpreende”, disse David Sterne, comissário da NBA. “Os nossos jogadores são pessoas informadas e ‘sofisticadas’ sobre este tema, e as nossas equipas compreendem-no completamente”.

Que uma pessoa possa manifestar com autenticidade o que realmente é e sente, trata-se de algo positivo. E se Collins se sente melhor declarando que é *gay*, ninguém o vai impedir. Mas a própria reação suscitada pela declaração de Collins

indica que não é necessária, hoje, muita valentia para que uma personagem popular nos EUA revele que é *gay*.

De facto, o *lobby gay* tem estado a trabalhar com as maiores ligas do desporto americano para favorecer a possibilidade de jogadores trazerem à luz do dia a sua homossexualidade, mesmo que seja com tenazes. E as ligas de futebol americano, hóquei no gelo e basquetebol incluíram programas de educação neste sentido para jogadores novatos e veteranos. Tudo está preparado para que à saída do armário só haja aplausos, por convicção ou por seguir a maré. Mas também haveria que respeitar os jogadores que são homossexuais e que preferem não o declarar, porque não o consideram um traço definidor da sua personalidade desportiva.

O facto de Collins ter feito a sua declaração na “Sports Illustrated”, a bíblia do desporto americano, indica que os meios de comunicação dão hoje todas as facilidades para se ser claro neste assunto.

E, inclusivamente, é possível que o anúncio de Collins lhe sirva para prolongar a sua carreira desportiva, dentro ou fora dos campos de jogo. O *pivot* fica livre de contrato a partir de julho e, segundo o “The New York Times”, “aos 34 anos, é um jogador secundário com limitadas capacidades”, e que “não figuraria em nenhuma lista dos melhores jogadores a contratar”. De facto, nem sequer tem a segurança de vir a jogar na próxima temporada.

Mas, na sequência do seu anúncio, a sua sorte pode mudar. Segundo comenta Tracy Connor na “NBC News”, “a sua decisão de vir à luz do dia pode valer-lhe um contrato com uma nova equipa, direitos de imagem com marcas patrocinadoras ou, até, uma sólida carreira fora do campo de jogo”. O seu atual patrocinador, a Nike, já disse num comunicado que “está orgulhoso dele pela sua coragem”. E a equipa que venha a contratá-lo terá uma oportunidade para demonstrar que é “inclusiva” e progressista. Em resumo, a audácia de Collins expõe-no a poucos riscos.

Neste assunto, os que assumem verdadeiros riscos são os que, com a mesma autenticidade de Collins, se atrevem a vir a público para revelar a sua opinião contrária a algumas pretensões dos ativistas *gays*. É o que se passou no ano passado com Dan Cathy, presidente da cadeia de restaurantes Chick-fil-A, que sofreu um boicote e ameaças de retirada de licenças nalgumas cidades, por

declarar numa entrevista que a sua empresa apoiava a família tradicional, a de mãe e pai. Correm riscos as agências católicas de adoção, às quais foram retiradas as licenças nalguns estados por se negarem a dar filhos em adoção a casais homossexuais.

Precisa de ter valentia um investigador social como Mark Regnerus ao publicar um artigo a dizer que, segundo os seus estudos, é mais benéfico para a criança ser criada numa família com pai e mãe, sendo conseqüentemente denunciado por ativistas *gays* perante as autoridades académicas da sua universidade. Corre riscos quem foi homossexual e se atreve a

dizer que já não o é, graças a uma ajuda psicológica que, nalguns sítios, se tenta até proibir. Coloca em jogo a sua carreira um ator que em Hollywood não é favorável ao casamento *gay*, com o risco de poderosos produtores lhe fecharem as portas.

Se a valentia tem que ver com o risco, para que uma *celebrity* nos EUA se declare *gay* necessita hoje de tanta valentia como para revelar que pinta nos seus tempos livres. Até é possível que lhe comprem os quadros.

I.A.

“Moneyball – Jogada de Risco”

“Moneyball”

Realizador: Bennett Miller

Atores: Brad Pitt; Jonah Hill

Duração: 133 min.

Ano: 2011

Um filme baseado em factos reais, narrando a história do treinador de uma equipa de basebol que fracassara como jogador. Devido aos maus resultados da equipa, os melhores jogadores saem para outros clubes no final da temporada. Os dirigentes insistem na mesma estratégia ao prepararem a nova época. O treinador não está de acordo. Reflecte sobre o que se passa e resolve inovar.

Contrata um jovem que aplica novas técnicas na selecção de jogadores e na forma de desenvolver ao máximo as capacidades de cada um. Resolve também colocar esse adjunto em contacto direto com os diversos agentes desportivos para que compreendesse bem esse “mundo” na sua dimensão humana... O treinador defende a sua aposta. Os resultados iniciais não são famosos. No entanto, corrige decisões, como a de expulsar jogadores contratados por si que desestabilizavam o conjunto. Luta pelo melhor dentro do orçamento disponível, arriscando com o seu jovem adjunto propostas que atraíssem jogadores valiosos. Fala com todos um a um. Ouve-os. Motiva-os. Quer que enfrentem os seus próprios receios. Os resultados surgem e consegue um recorde de vitórias consecutivas.

No final, vai tomar a decisão da sua vida... Já é um homem seguro que aprendera o que realmente importa para se realizar tanto a nível pessoal como profissional.

Tópicos de análise:

1. É possível evitar os mesmos erros avaliando o passado e inovar no futuro.
2. Saber corrigir uma decisão já tomada previne fracassos sucessivos.
3. O conselho de alguém competente merece ser procurado e escutado.

Paulo Miguel Martins

Professor da AESE

